

FRAGMENTADO: AS NOVAS IDENTIDADES DO HERÓI NACIONALISTA

Gabriel Braga Ferreira de Melo (UERJ)
gabrielbfmelo@gmail.com

A figura do herói nacionalista se encontra em uma posição delicada. Com o profundo avanço tecnológico que alimenta a globalização, as barreiras geográficas não são mais capazes de impedir a circulação de pessoas e ideias. Tais deslocamentos promovem a ruína do conceito de nação homogênea e, uma vez que o herói nacionalista é a tentativa de representar em uma singularidade toda a nação, o próprio papel do herói sofre um poderoso golpe que poderia até mesmo causar sua extinção. Contudo, conforme constata Sandra Regina Goulart de Almeida (2013, p. 67), "apesar de vivermos um momento de imensa mobilidade e trânsito entre povos, países e continentes, o Estado-nação está longe de ser desmantelado ou substituído por uma pós-nação ou transnação". Da mesma forma, o herói nacionalista resiste, mas não sem mudanças. Se, antes, tínhamos apenas um Capitão América – loiro, branco e estadunidense – na figura de Steve Rogers, agora somos contemplados com diferentes versões que nos possibilitam encontrar heróis nacionalistas brancos, negros, latinos, masculinos, femininos, héteros e homossexuais entre vários outros constituintes identitários. As lutas travadas por esses heróis também divergem, abordando desde o cenário mundial até o pessoal, dependendo do herói estamos lendo. Com o foco no novo Capitão América – Sam Wilson –, mas sem ignorar o papel de Steve Rogers e da figura da adolescente América Chavez; e com suporte teórico de Toro (2010), verifico como os heróis nacionalistas tratam o deslocamento vindo de dentro da nação e enfrentam as lutas no âmbito social que heróis do primeiro escalão ignoram. Observo como esses heróis estão prontos para encarar o "Terceiro Mundo" existente nos Estados Unidos e as falhas internas e externas do país, mesmo causando a revolta de parte da população dentro e fora dos quadrinhos.